

## **A LENDA DO QUARTO REI - segundo uma antiga tradição russa**

Vocês sabiam que não eram três, mas sim quatro reis que partiram do Oriente para adorar o Rei da humanidade? É isso que nos conta uma antiga lenda da Rússia. Eles vinham viajando por quatro caminhos diferentes, e cada um trazia o que existia de mais precioso em seu país: Um levava ouro reluzente, outro incenso cheiroso, o terceiro mirra excelente. O quarto era o mais jovem e trazia três diamantes de valor incalculável. A estrela misteriosa seguia à sua frente, e sem descanso eles a seguiam.

Em nenhum deles ardia tão forte o desejo de ver a Deus como no rei mais jovem. Ao final ele cavalgava todo compenetrado em seus sonhos. Mas de repente ouviu um choro, um soluçar tão triste que foi arrancado dos sonhos. Na poeira viu deitada uma criança que sangrava de cinco feridas. (Cinco? Não eram cinco as chagas de Jesus?) Uma criança tão estranha, delicada e sem ajuda. Com grande compaixão ele a ergueu cuidadosamente até o seu cavalo. Na vila ninguém conhecia a criança. Mas o jovem rei afeiçãoou-se tanto a ela que a entregou aos cuidados de uma boa senhora. De sua algibeira retirou um dos diamantes e o doou à criança, para que tivesse um futuro assegurado. Mas então tinha que seguir viagem, para alcançar os companheiros e a estrela que tinha perdido de vista. E que alegria, um dia reencontrou a estrela e seguiu-a apressadamente.

A estrela conduziu-o por uma cidade. Um cortejo fúnebre vinha ao seu encontro. Atrás do esquife seguia uma mulher com seus filhos. Uma expressão inconsolável marcava o rosto dela, e as crianças agarravam-se desesperadamente à mãe. O rei desceu do cavalo, porque reconhecia que não apenas a tristeza pelo falecimento causava tanta dor. Soube que o pai estava sendo levado à sepultura, e de lá a mãe e os filhos seriam vendidos como escravos, porque ninguém queria assumir as suas dívidas. Então o rei tirou a segunda pedra preciosa da algibeira. Sobre a palma de sua mão o sol a fazia brilhar e reluzir. Ela era destinada ao rei recém-nascido. Mas com um rápido movimento o rei a colocou na mão da viúva: - Paguem as suas dívidas, e com a sobra construam um novo lar! disse ele, subiu no cavalo e voltou a andar atrás da estrela.

Atravessou um país estranho. Havia guerra ali, dor, miséria e sangue cobria a terra e os corações. Numa aldeia os agricultores tinham sido ajuntados para morrer de uma morte cruel. Nos casebres choravam mulheres e crianças. O jovem rei ficou aterrorizado. Restava-lhe apenas um diamante: será que deveria chegar de mãos vazias diante do rei da humanidade? Mas esta desgraça era tão terrível que ele, com mãos trêmulas, entregou seu último diamante para resgatar as pessoas e a aldeia da destruição, do abuso e da morte.

Cansado e triste seguiu seu caminho. A estrela tinha se apagado. Por muito tempo procurou em vão. Uma profunda tristeza abateu-se sobre ele. Será que tinha sido infiel à sua vocação? O medo de nunca mais poder encontrar a Deus corroía a sua alma. Para onde ia seu rumo? Peregrinou por anos e anos. Por fim andou a pé, pois tinha doado também seu cavalo.

Certo dia, no porto de uma grande cidade, ele chegou no justo momento em que um pai estava sendo arrancado da esposa e dos filhos infelizes para ser levado como escravo a um navio de condenados, uma galé. O jovem rei intercedeu por aquele homem. Contudo, como nada adiantasse, ele próprio ofereceu a sua liberdade e desceu no lugar do outro como escravo à galé.

Não era difícil demais o que ele estava assumindo? Seu orgulho se revoltava, porque agora ele se encontrava entre malfeitores. As batidas surdas ecoavam pelo navio, marcando o ritmo das remadas. Acorrentado ao banco dos condenados, em caso de tempestade ou luta, ele com certeza morreria. Tinha agido de forma absurda? Nessa hora perigosa, em que seu espírito se rebelava e seu coração se endurecia, a estrela, sua estrela, que ele talvez jamais tornaria a ver no céu, voltou a brilhar dentro de sua alma. E essa luz o preencheu com uma tranqüila certeza de que, apesar de tudo, estava no caminho certo. Consolado tomou o remo. Esqueceu-se de contar os anos. Mas seu coração não conhecia amargura, porque a estrela continuava a brilhar para ele. Seu rosto irradiava amável bondade. Há tempo as pessoas tinham notado aquele escravo tão diferente. E aconteceu o que ele jamais tinha esperado: Deram-lhe a liberdade. Numa praia estranha desceu do navio. Um pescador o hospedou durante a noite.

Naquela noite ele sonhou da sua estrela. Uma voz chamava: - Apressa-te! Na mesma hora ele se pôs a caminho. E – que milagre – quando caminhava na escuridão, eis que a estrela reluziu diante dele. Seu brilho era vermelho como o pôr-do-sol.

Apressou-se e chegou às portas de uma grande cidade. Nas ruas havia um alvoroço barulhento. Grupos de pessoas agitadas eram dispersados à força. E muitos saíam para fora dos muros. Aquela multidão o arrastou, ele nem sabia como. Um medo profundo angustiava seu peito. Subiu um pequeno morro. Em cima, entre céu e terra, erguiam-se três troncos. Que era aquilo?

A estrela que devia conduzi-lo ao rei da humanidade parou sobre o tronco do meio, reluziu mais uma vez – parecia que a estrela dava um grito – e se apagou. Foi aí que o olhar do homem no tronco o atingiu. Toda a dor, todo o sofrimento do mundo ardia naqueles olhos, mas também transpirava de sua pessoa toda a bondade, todo o amor e uma misericórdia infinita. As palmas de suas mãos, perfuradas por pregos, estavam retorcidas. Parecia que raios de luz saíam dessas mãos.

Subitamente o rei teve a certeza: - Este é o rei da humanidade, é Deus, o Salvador do mundo, pelo qual eu me consumi em saudade! Ele caiu de joelhos debaixo da cruz. O que ele tinha a oferecer? Estendeu suas mãos vazias ao Senhor. Então três gotas rubras de sangue caíram em suas mãos. Elas tinham um brilho mais forte que qualquer diamante.

Um grito ecoou pelos ares. O Senhor inclinou a cabeça e expirou. Aos pés da cruz o rei jazia morto. Suas mãos seguravam as gotas de sangue. Até ao morrer contemplava o Senhor na cruz.